NOTA DA AUTORA

Alguns dos académicos mencionados neste texto são pessoas reais e, com várias exceções — que espero que sejam evidentes — tentei representar com precisão os seus pontos de vista. O livro *Reasons and Persons* de Derek Parfit foi efetivamente publicado em 1984, o que é conveniente para a minha cronologia. Aristóteles não usa o termo «*worm* do espaço celestial», mas essa é uma boa maneira de visualizar a sua física. «Existence Is Evidence of Immortality», de Michael Huemer, é de 2019, mas aqui afirmo que foi publicado na década de 1960. Isso é fantasia, tal como a maior parte deste livro.



CAPÍTULO UM

Pois considero que o verdadeiro adepto da filosofia é suscetível de ser mal interpretado pelos outros homens; estes não percebem que ele está sempre a perseguir a morte; e, se assim é, e ele teve o desejo da morte durante toda a sua vida, porque é que quando chega a sua hora deveria afligir-se com aquilo que tem estado sempre a perseguir e a desejar?

PLATÃO, FÉDON

Cambridge, Período de Outono, outubro. O vento soprava, o Sol escondia-se e, no primeiro dia de aulas, quando devia estar a dar uma palestra a estudantes de licenciatura sobre os perigos de se usar o feitiço da separação cartesiano para revisão, sem pausas para idas à casa de banho, Alice Law decidiu salvar a alma do seu orientador dos Oito Tribunais do Inferno.

Foi um acidente terrível e macabro que matou o Professor Jacob Grimes e, de um certo ponto de vista, a culpa era dela. Por isso, por razões de obrigação moral e de interesse próprio — porque sem o Professor Grimes ela não tinha um presidente de comité e, sem um presidente de comité, não podia defender a sua dissertação, terminar o doutoramento ou candidatar-se com sucesso a um cargo com vinculação na área da mahgia analítica — Alice achou necessário

implorar pela vida dele ao Rei Yama, o Misericordioso, Governante do Submundo.

Não era uma tarefa fácil. No último mês, ela tinha-se tornado uma especialista autodidata em Tartarologia, a qual não era uma das suas áreas secundárias. Por estes dias, não era uma área secundária de *ninguém*, já que os Tartarológos raramente sobreviviam para publicar os seus trabalhos. Desde a morte do Professor Grimes, ela passara todos os momentos possíveis a ler todas as monografias, artigos e fragmentos de correspondência que conseguia encontrar sobre a viagem de ida e volta ao Inferno. Pelo menos, uma dúzia de académicos tinha feito a viagem e vivido para contar a história de forma credível, mas muito poucos no último século. Nenhuma das fontes existentes era fiável em diferentes graus e, além disso, eram diabolicamente difíceis de traduzir. O relato de Dante fora tão acossado por críticas rancorosas que a reportagem se perdeu no seu interior. T. S. Eliot tinha fornecido algumas das mais recentes e detalhadas descrições da paisagem de que havia registo, mas *A Terra Devastada* era tão autorreferencial que o seu estatuto como relato de um viajante estava sob séria contestação. As notas de Orfeu, já em grego arcaico, estavam em grande parte em farrapos, tal como o resto dele. E Eneias — bem, isso era tudo propaganda romana. Possivelmente, havia mais relatos em línguas menos conhecidas — Alice poderia ter passado décadas a vasculhar os arquivos —, mas o seu relógio de financiamento não podia esperar. A sua avaliação de progresso no final do período aproximava-se e, sem um orientador vivo e a respirar, o melhor que Alice podia esperar era uma extensão do financiamento suficiente para durar até ela ser transferida para outro local e encontrar um novo orientador.

Mas ela não queria ser transferida para outro sítio, queria um diploma de Cambridge. E não queria um orientador qualquer, queria o Professor Jacob Grimes, catedrático de departamento, laureado com o Prémio Nobel e duas vezes eleito presidente da Academia Real de Mahgia. Ela queria a carta de recomendação dourada que abria todas as portas. Queria estar no topo de cada pilha. Isto significava que Alice tinha de ir para o Inferno e tinha de ir hoje.

Ela verificou e voltou a verificar as suas inscrições a giz. Deixava sempre o fecho do círculo para o fim, quando tinha a certeza absoluta

de que proferir, e, portanto, ativar, o pentagrama não a mataria. Era preciso ter-se sempre a certeza. A mahgia exigia precisão. Ela fitou as linhas brancas perfeitas até estas se moverem diante dos seus olhos. Era, concluiu ela, o melhor que poderia ser. As mentes humanas eram falíveis, mas a dela era menos do que a maioria e era agora a única mente em que ela podia confiar.

Agarrou no giz. Um traço suave e o pentagrama estaria terminado.

Respirou fundo e colocou-se no meio.

Claro que havia um preço. Ninguém viajava para o Inferno ileso. Mas ela tinha decidido desde o início pagá-lo, já que parecia tão trivial no grande esquema das coisas. Só esperava que não doesse.

— Que estás a fazer?

Ela conhecia aquela voz. Soube, antes de se virar, quem iria encontrar à porta.

Peter Murdoch, de casaco desabotoado, camisa desfraldada e papéis a tombar da sua mochila, ameaçando esvoaçar com o vento. Alice ressentira-se sempre do facto de Peter — que se apresentava todos os dias como se tivesse acabado de sair da cama — ter conseguido tornar-se o queridinho do departamento. Contudo, isso não era surpresa; o mundo académico respeitava a disciplina, recompensava o esforço, mas, acima de tudo, adorava os génios que não tinham de se esforçar. Peter Murdoch e o seu cabelo de ninho de pássaro, membros de espantalho equilibrados em cima de uma bicicleta frágil, parecia nunca se ter esforçado para nada na vida. Nascera brilhante, simplesmente, com todo o conhecimento derramado para o seu cérebro pelos deuses sem entornarem uma gota.

Alice não o suportava.

— Deixa-me em paz — disse ela.

Peter entrou no círculo dela, o que era de grande má-educação. Uma pessoa deve sempre perguntar antes de entrar no pentagrama de outro mágico.

— Eu sei o que estás a planear.

— Não, não sabes.

— O Pentagrama Básico de Transporte de Tzu, com as Modificações de Setiya — disse ele, o que impressionou Alice, já que ele só tinha

olhado brevemente para o chão e do outro lado da sala, ainda mais. — A Soma de Ramanujan com implicações para o Efeito Casimir de modo que se estabeleça uma ligação psíquica com o alvo. Oito barras para oito tribunais. — Um sorriso dividiu-lhe o rosto. — Alice Law, sua menina marota. Estás a tentar ir para o Inferno.

— Bem, se sabes assim tanto — disse Alice —, sabes que só há lugar para um de nós.

Peter ajoelhou-se, empurrou os óculos sobre o nariz e, com o seu próprio pau de giz, efetuou rapidamente algumas alterações no pentagrama. Isto também era muito rude — uma pessoa devia sempre perguntar antes de alterar o trabalho de outro académico. Mas as normas de etiqueta não se aplicavam a Peter Murdoch. Peter movia-se pela vida com um esquecimento que, mais uma vez, só era desculpado pelo seu génio. Alice tinha visto Peter deitar calda de chocolate sobre as vestes do diretor da faculdade na mesa principal, sem outra repreensão além de uma palmada no ombro e uma gargalhada. Quando Peter errava, era engraçado. Uma vez, ela passara todo o jantar na casa de banho a hiperventilar por entre os dedos por ter deitado um cesto de pão para o chão.

— Um torna-se dois. — Peter agitou os dedos. — Abracadabra. Agora há espaço.

Alice verificou as inscrições dele e percebeu, para seu desgosto, que o trabalho dele era perfeito. Ela teria preferido que ele tivesse cometido um erro que o deixasse perneta. E teria mesmo preferido que ele não tivesse declarado:

— Eu vou contigo.

— Não, não vais.

De todas as pessoas do Departamento de Mahgia Analítica de Cambridge, Peter Murdoch era a última pessoa com quem ela queria viajar para o submundo. O Peter perfeito, brilhante e enfurecedor, que ganhava os principais prémios do departamento em cada etapa — Melhor Trabalho do Primeiro Ano, Melhor Trabalho do Segundo Ano, Medalhas do Reitor em lógica e matemática (as quais, para ser justa, eram as piores áreas secundárias de Alice, mas, até vir para Cambridge, ela não estava habituada a perder). Peter era um daqueles académicos

que vinham de uma família de académicos, um mágico nascido de um físico e de uma bióloga, o que significava que tinha sido infundido com as regras não escritas da torre de marfim desde antes de começar a andar. Peter já tinha todas as coisas boas do mundo. Não precisava da carta do Professor Grimes para conseguir um emprego.

O pior de tudo era o facto de Peter ser tão infalivelmente simpático. Sempre a deambular com aquele sorriso feliz no rosto, sempre a oferecer-se para ajudar os colegas a resolverem os problemas das suas investigações, sempre a perguntar a todos os outros do seminário como tinham passado o fim de semana, quando sabia muito bem que eles o tinham passado a chorar sobre demonstrações que ele podia ter feito a dormir. Peter nunca se gabava ou condescendia, era apenas inocentemente *melhor do que* os outros e isso fazia toda a gente sentir-se muito pior.

Não, Alice queria resolver este problema sozinha. Não queria Peter Murdoch a tagarelar por cima do seu ombro o tempo todo, criticando os seus pentagramas porque estava apenas a tentar ser útil. E, acima de tudo, se ela voltasse com a alma do Professor Grimes em segurança, não queria que Peter partilhasse os louros.

— O Inferno é solitário — disse Peter. — Vais querer companhia.

— O Inferno são as outras pessoas, segundo ouvi dizer.

— Muito engraçado. Vá lá. Vais precisar de ajuda para levar mantimentos, pelo menos.

Alice tinha escondido na sua mala um Frasco Perpétuo novinho em folha (uma garrafa de água encantada que não se esgotaria durante semanas) e Pão Lembas (tiras de nutrição secas semelhantes a cartão, populares entre os estudantes de pós-graduação porque demoravam segundos a comer e mantinham-nos saciados durante horas. Não havia nada de encantado no Pão Lembas; era apenas a proteína extraída de toneladas de amendoins e uma percentagem ímpia de açúcar). Ela tinha lanternas, tintura de iodo, fósforos, corda, ligaduras e um cobertor anti-hipotermia. Tinha um pacote novo e brilhante de Giz Barkles e todos os mapas fiáveis do Inferno que conseguira encontrar na biblioteca da universidade, cuidadosamente reproduzidos numa pasta laminada. (Infelizmente, todos eles apresentavam topografias diferentes — ela

pensara em ir para um sítio alto e escolher um mapa quando chegasse). Tinha um canivete e duas facas de caça afiadas. E tinha um volume de Proust, para o caso de se aborrecer à noite. (Para ser sincera, ela nunca tinha chegado a ler Proust, mas Cambridge tinha feito dela o tipo de pessoa que queria ter lido Proust e ela achava que o Inferno era um bom sítio para começar.)

— Eu estou preparada.

— Ainda assim, vais precisar de ajuda para entender os tribunais — disse Peter. — O Inferno é muito complicado do ponto de vista metafísico, sabes. Anscombe[1] afirma que as constantes reorientações espaciais por si só…

Alice revirou os olhos.

— Por favor, não insinues que não sou suficientemente inteligente para ir para o Inferno.

— Tens uma cópia do *Cleary*?

— Claro. — Alice não se iria esquecer dos *Modelos de Cleary*. Ela não se esquecia de nada.

— Verificaste as doze versões fidedignas da viagem de Orfeu?

— Claro que sim, Orfeu é o lugar óbvio para começar…

— Sabes como atravessar o Letes?

— Por favor, Murdoch.

— Sabes como domar o Cérbero?

Alice hesitou. Ela sabia que este era um obstáculo possível — tinha visto a ameaça de Cérbero mencionada numa carta de Dante a Bernardo Canaccio, mas não a tinha visto referenciada em nenhum outro material que encontrara e o único livro que poderia conter uma pista — *Dante e o Inferno Literal*, de Vandick — já tinha desaparecido das estantes.

Na verdade, alguns livros de que ela precisava tinham estado a desaparecer da biblioteca nos últimos meses, muitas vezes retirados na mesma manhã em que ela lá tinha ido. Todas as traduções da *Eneida*. Todos os estudos medievais sobre Lázaro. Era como se um fantasma assombrasse as estantes, antecipando cada passo do projeto dela.

Foi então que ela percebeu.

— Tu tens…

[1] Elizabeth Anscombe — filósofa britânica. [*N. da T.*]

— Estado a investigar a mesma coisa — disse Peter. — Estamos demasiado avançados nestes estudos, Alice. Mais ninguém poderia supervisionar as nossas dissertações. Mais ninguém é suficientemente inteligente. E ainda há tanta coisa que ele não nos ensinou. Temos de o trazer de volta. E aqui duas mentes são melhores do que uma.

Alice teve de se rir. Todo este tempo. Cada espaço vazio nas prateleiras, cada peça do *puzzle* que faltava. Fora Peter o tempo todo.

— Diz-me como domar o Cérbero, então.

— Boa tentativa, Law. — Peter deu-lhe um soco ligeiro no ombro. — Vá lá. Sabes que somos sempre melhores juntos.

Bem, isto, pensou Alice, já era estar a exagerar demais.

Ele não estava a falar a sério. Ela sabia que ele não estava a falar a sério porque não era verdade. Não era verdade há mais de um ano e essa tinha sido uma escolha inteiramente de Peter. Ela lembrava-se bem. Então, como é que ele podia agir de modo tão companheirão e dizer aquelas palavras com tanta descontração, como se eles ainda estivessem no primeiro ano, a rir no laboratório, como se o tempo nunca tivesse passado?

Mas, afinal, esse era o *modus operandi* de Peter. Ele era assim com toda a gente. Todo caloroso e alegre, mas, assim que alguém se tentava aproximar, o chão sólido dava lugar ao espaço vazio.

Duas opções más, portanto. Um conhecimento imperfeito, ou Peter. Ela imaginou que poderia exigir os livros relevantes — Peter era irritante, mas não acumulava recursos — e descobrir tudo sozinha. Mas o relógio do seu financiamento estava a contar e certas partes de um corpo estavam a apodrecer numa cave. Simplesmente, não havia tempo.

— Está bem — disse ela. — Espero que tenhas trazido o teu próprio giz.

— Dois pacotes novos do Shropley's — disse ele alegremente.

Sim, ela sabia que ele preferia o Shropley's. Uma prova de mau caráter. Pelo menos, ela não teria de partilhar.

Ela colocou a mochila junto dos seus pés, confirmando que nenhuma das alças ficava fora do pentagrama.

— Então, tudo o que resta é o encantamento. Estás pronto?

— Espera aí — disse Peter. — Tu sabes o preço, não sabes?

Claro que Alice sabia. Era por isso que os académicos raramente iam ao Inferno. Não é que chegar lá fosse muito *difícil*. Só era preciso desenterrar todas as demonstrações certas e dominá-las. O problema era que uma viagem lá abaixo raramente justificava o preço.

— Metade do meu tempo de vida restante — disse ela. Entrar no Inferno significava atravessar fronteiras entre mundos e isso exigia um tipo de energia orgânica que o mero giz não podia conter. — Trinta anos, mais ou menos, desapareceram. Eu sei.

Mas a escolha não lhe fora difícil. Será que ela preferia doutorar-se, produzir uma investigação brilhante e sair em glória? Ou preferia viver até ao fim da sua vida natural, de cabelos brancos e a babar-se, desvanecendo-se na irrelevância, consumida pelo arrependimento? Não tinha Aquiles escolhido morrer em combate? Ela conhecera professores eméritos em receções de departamentos, uns pobres acessórios decorativos afásicos, e não achava a velhice uma perspetiva atraente. Alice sabia que esta escolha horrorizaria qualquer pessoa fora da academia. Mas ninguém fora da academia poderia compreender. Ela sacrificaria o seu primogénito por um cargo professoral. Cortaria um membro. Daria tudo, desde que ainda tivesse a sua mente, desde que ainda pudesse pensar.

— Eu quero ser uma mágica — disse ela. — É tudo o que sempre quis.

— Eu sei — disse Peter. — Eu também. E eu… eu preciso de fazer isto. Tenho de o fazer.

Um silêncio tenso. Alice pensou em perguntar, mas sabia que Peter não lhe contaria. Quando se tratava de assuntos pessoais, Peter era uma parede. Como ele desaparecia facilmente atrás de um sorriso plácido.

— Então, está decidido. — Peter pigarreou. — Então, se calhar eu faço o latim e tu o grego e o chinês. — Ele olhou para baixo, para um segmento perto do dedo do pé direito. — Porque é que isto não está em sânscrito?

— Não me sinto à vontade com o sânscrito — disse Alice, irritada. Era mesmo típico de Peter. Condescendente, mesmo quando ostensivamente só pedia um esclarecimento. — Fiz todas as referências dos sutras budistas em chinês clássico.

— Oh — murmurou Peter. — Bem, provavelmente funciona. Se tiveres a certeza.

Ela revirou os olhos.

— Aos três, quando eu disser vamos.

— Certo.

Ela fez a contagem decrescente.

— Vamos.

E começaram a entoar o seu cântico.

A morte trágica e terrível do Professor Jacob Grimes fora previsível e evitável. E era também, sem que a maioria das pessoas soubesse, inteiramente culpa de Alice.

O exercício daquele dia não era mais arriscado nem mais radical do que os milhares de experiências de rotina que o Professor Grimes tinha conduzido naquele espaço laboratorial durante décadas. Ele estava apenas a rever alguns princípios básicos da teoria dos conjuntos, citados num novo artigo que iria ser publicado na *Arcana*, a principal revista da sua área. Era tudo absolutamente rotineiro e não mais perigoso do que andar de bicicleta, desde que se verificassem os pentagramas. Coisas ao nível da licenciatura.

O Professor Grimes não verificava os seus pentagramas. Há muito que tinha chegado àquela fase da sua carreira em que deixava esse tipo de trabalho pesado para os alunos de pós-graduação. Os dias do Professor Grimes eram dedicados a *pensamentos* profundos, absorventes. Via acima das montanhas e das nuvens para discernir a verdade e depois descia para proferir declarações como Moisés a descer do Monte Sinai. A seguir, os seus subordinados tratavam dos pormenores. Ele já não fazia a sua própria aritmética ou as suas traduções. E estava muito acima de se ajoelhar para traçar linhas de giz, esforçando os olhos e as costas.

Uma pessoa poderia achar imprudente, até mesmo tolo, que um mágico deixasse a sua vida nas mãos de estudantes mal pagos e sobrecarregados. Mas, por um lado, os alunos do Professor Grimes eram os melhores do mundo e, por outro, até mesmo estudantes de pós-graduação de instituições americanas de baixa categoria conseguiam

identificar os erros mais perigosos num pentagrama. E isto era Cambridge. Depois de tantos anos de prática, os erros destacavam-se como bandeiras vermelhas para qualquer académico competente — espaços nos círculos exteriores, palavras mal escritas, falsas equivalências, parênteses não fechados. Qualquer pessoa num estado de espírito são poderia fazê-lo.

Mas Alice não estava num estado de espírito são nesse dia.

Claro que ela era mal paga e estava sobrecarregada, mas esta condição era comum entre os estudantes de pós-graduação e ninguém se importava muito com isso. Mas ela também não dormia bem há três meses e tinha bebido tanta cafeína que o mundo tremeluzia e o giz tremia-lhe nas mãos. Ela sentia-se, como muitas vezes acontecia, como se o seu corpo não tivesse fronteiras definidas em relação ao mundo material; que se deixasse de se manter inteira enquanto sujeito, dissolver-se-ia como um cubo de açúcar no chá. Não estava em condições de trabalhar e já não o estava há muito tempo. O que Alice mais precisava era de umas longas e boas férias e, depois, talvez, um internamento num local remoto perto do mar.

Mas faltar ao laboratório não era uma opção. O Professor Grimes não lhe pedia que colaborasse num trabalho desde o ano passado e, embora o trabalho estivesse abaixo do seu valor e a coautoria estivesse fora de questão, Alice estava desesperada por voltar a estar nas boas graças dele.

De qualquer forma, estar cansada a ponto de colapsar era um estado por defeito. O que era esperado era que, através de uma combinação de café forte e Pão Lembas, uma pessoa se aguentasse até que todos os prazos fossem cumpridos, podendo depois cair num coma indefinido e sem consequências. Alice tinha passado a maior parte do doutoramento neste estado e isso não era assim tão mau.

Mas ela também estava zangada naquela tarde e ressentida e confusa e num estado tão turvo de frustração e fúria que o próprio som da voz do Professor Grimes a fazia estremecer. Perceber a sua proximidade física — senti-lo mover-se, ajoelhar-se na sua sombra — tornava-lhe difícil respirar. Nos breves momentos em que os seus olhos se encontraram, a respiração dela parou e Alice pensou que gostaria de morrer.

Era muito difícil concentrar-se num ambiente assim.

Por isso, quando desenhou os pentagramas, ela não fechou os círculos necessários. Com os pentagramas, era muito importante fechar os círculos necessários. Dizer encantamentos invocava a energia morta-viva do pó de giz e toda essa energia tinha um efeito explosivo se não fosse devidamente contida num espaço definido. Até o mais pequeno buraco podia causar um desastre. De facto, os buracos mais pequenos eram *piores*, pois concentravam toda a energia com um efeito terrível. Desse modo, qualquer pessoa que desenhasse um pentagrama fazia aquilo a que se chamava o Teste da Formiga; passava com a ponta de um lápis de um ponto da inscrição até ao fim, dando a volta completa, para se certificar de que qualquer formiga que seguisse a linha completaria a viagem.

Alice não fizera o Teste da Formiga.

Não se preocupou, de facto, em garantir que o corpo do Professor Grimes permanecesse intacto.

Era o tipo de erro que podia acabar com carreiras. E teria acabado, se alguém tivesse visto o nome de Alice nos registos do laboratório ou soubesse, em qualquer capacidade oficial, que ela estava a ajudar. Teria havido uma investigação. Ela teria sido interrogada perante uma comissão, forçada a relatar em pormenor todos os seus erros, enquanto eles deliberavam se estes eram motivo para homicídio involuntário ou apenas para negligência culposa. Ela teria perdido a sua bolsa, teria sido expulsa do programa, teria sido interrogada pela Academia Real e teria sido impedida de estudar ou praticar mahgia em qualquer instituição do mundo, mesmo nas mais duvidosas e não acreditadas no estrangeiro. Tudo isso se não fosse para a prisão.

Mas o Professor Grimes geralmente não mencionava os seus alunos de pós-graduação nas suas experiências. Ajudar na investigação dele, à custa da sua própria, era simplesmente um requisito tácito do programa. Ninguém sabia, em qualquer capacidade oficial, que havia alguém naquela sala no dia do acidente, exceto o Professor Grimes. Mais ninguém viu quando ventos uivantes arrancados de dimensões infinitas se precipitaram sobre o pentagrama. Ninguém viu os globos oculares do Professor Grimes esticarem-se para fora da sua cara antes de saltarem

como uvas; os seus intestinos a enrolarem-se à volta do seu corpo e a cruzarem-se como uma corda de saltar; a sua boca a contorcer-se num grito sem som. Ninguém viu o corpo do Professor Grimes virar-se de pernas para o ar e girar durante sete ciclos horríveis, com os órgãos expostos a ondular, antes de se desfazer em todas as direções, salpicando todas as superfícies com sangue, ossos e tripas. Ninguém viu os seus miolos no quadro-negro; o fragmento do maxilar cheio de dentes a cair na sua chávena de Darjeeling da tarde.

E ninguém viu Alice despir-se no duche do laboratório, esfregar-se até ficar limpa, atirar a roupa para o incinerador e sair apressadamente pela porta das traseiras, vestida com a roupa do saco que guardava sempre no laboratório. Ninguém a viu fugir de madrugada pelo *campus* de volta ao seu quarto na faculdade, onde se despiu para um segundo duche e alternou entre vomitar e chorar até adormecer.

Tanto quanto todos sabiam, a primeira vez que se soube da morte do Professor Grimes foi quando o contínuo gritou na manhã seguinte.

A essa altura, o sangue e os pedaços tinham estragado o pentagrama e o giz estava todo manchado de sangue, pelo que ninguém conseguiu discernir exatamente o que tinha corrido mal. Um pedaço do Professor Grimes, mais tarde identificado como sendo o seu fígado, tinha felizmente caído no segmento do círculo exterior que Alice tinha desenhado mal. Só se podia concluir que se tratava de um terrível acidente, um acidente que estava apenas à espera de acontecer ao pensador mais descarado do seu tempo, e deixar as investigações por ali.

De alguma forma, os Serviços de Limpeza da Universidade recolheram restos mortais suficientes para encherem um balde, os quais foram depois transferidos para um caixão. A faculdade organizou uma cerimónia. O departamento manteve-se em estado de luto durante uma semana, durante a qual todos os alunos e professores foram obrigados a participar em seminários de segurança obrigatórios, dirigidos por colegas vindos de Oxford, os quais deixaram claro, a cada comentário zombeteiro, que *nunca* teriam sido tão tolos a ponto de deixarem um investigador explodir-se num laboratório. A placa com o nome do Professor Grimes foi retirada da porta do seu gabinete. O seu seminário de pós-graduação foi atribuído a um pobre doutorado que

compreendia menos da matéria do que os alunos. Os jornais da cidade publicaram algumas notícias sobre a grande perda que aquilo representava — para Cambridge, para a disciplina, para o mundo. E depois o verão acabou e todos seguiram em frente. Exceto Alice.

Ela podia ter ficado calada e continuado com a sua vida. A universidade tê-la-ia apoiado até ao fim dos seus estudos. O Departamento de Mahgia Analítica de Cambridge orgulhava-se muito da sua elevada taxa de doutoramentos e o corpo docente teria levado Alice até ao fim, de uma forma ou de outra, mesmo que isso significasse emprestá-la durante vários anos aos seus rivais em Oxford.

Mas o Professor Grimes era o mágico analítico mais influente em Inglaterra e provavelmente no mundo. Metade dos catedráticos da área eram seus amigos íntimos e a outra metade tinha tanto medo dele que faria qualquer coisa que ele dissesse. Todos os orientandos anteriores do Professor Grimes tinham conseguido empregos com vinculação em programas de topo — os que se tinham doutorado, pelo menos. Uma carta de recomendação do Professor Grimes era o suficiente para garantir um lugar em qualquer sítio onde os seus alunos se candidatassem.

Os bons empregos eram cada vez mais raros no meio académico. Alice queria muito ter um. Caso contrário, não saberia o que fazer consigo mesma. Tinha estudado toda a sua vida para fazer esta única coisa e, se não a conseguisse fazer, não tinha razão para viver.

Por isso, na manhã seguinte à morte do Professor Grimes, assim que o seu corpo foi descoberto e toda a poeira assentou, pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo começar a pesquisar formas de ir para o Inferno.

Peter tinha uma voz para encantamentos muito bonita. Alice tinha-se sempre ressentido disso, do facto de a voz dele fazer com que a dela parecesse rouca por comparação. Ela achava isso particularmente desagradável, dada a incongruência com a sua estrutura magra. Parecia injusto que um som tão rico pudesse vir daquela garganta de ganso peluda. De vez em quando, aparecia um trabalho de investigação sobre a razão pela qual as vozes masculinas eram mais adequadas para a mahgia, invocando razões de tom, profundidade ou firmeza, o que

provocava sempre um grande alarido envolvendo declarações indignadas de sociedades de mulheres na mahgia e declarações apologéticas de conselhos editoriais de revistas. Infelizmente, ninguém tinha conseguido provar de forma conclusiva a falsidade desses estudos. Tristemente, Alice suspeitava que os artigos estavam corretos e, naquele momento, sentiu-se grata. A confiança de Peter tornou-a confiante, por sua vez, e ela deu por si a ser embalada pelo seu retumbar suave e tranquilizador.

— O alvo definido como o Professor Jacob Grimes — entoaram eles em uníssono. — O destino definido como o Inferno, ou a vida após a morte, ou os Oito Tribunais, ou o domínio do Senhor Yama, o Misericordioso.

Eles terminaram. Nada aconteceu. Passou um segundo e depois vários. Então, um congelamento tomou conta da sala, um frio insidioso vindo do nada que se enfiou diretamente nos seus ossos. Alice estremeceu.

— Mão? — Peter ofereceu a palma da sua.

Ela afastou-a com uma bofetada.

— Chiu.

— Desculpa. — A mão de Peter ficou suspensa no ar por um instante antes de ele a retirar e Alice perceber tardiamente que ele poderia estar a pedir-lhe que segurasse a *dele*.

Mas já era tarde demais. Uma luz branca irrompeu das linhas de giz, formando um silo ao redor deles. A sala do laboratório desapareceu. Um grande estrondo encheu o ar. Alice agarrou o braço de Peter — só para se equilibrar, atenção —, mas o chão estremeceu violentamente e ela caiu de rabo no chão. Por um momento, não conseguiu ver nada nem ouvir nada acima da coluna que rugia. Ela sentiu uma sensação de puxão no peito — não dolorosa, apenas *aguda*, como se uma mão fantasmagórica lá tivesse entrado e arrancado o seu coração de entre as costelas. A pressão era esmagadora. Ela não conseguia respirar. Dobrou-se sobre si mesma, esperando desesperadamente não ter caído do pentagrama. O estrondo aumentou e a luz cresceu, tornando-se um branco ofuscante que lhe atravessou as pálpebras. Visões do apocalipse explodiram na sua mente: oceanos de sangue por baixo de línguas de fogo, planetas a colapsar em buracos negros e, por um breve momento aterrador, ela perdeu-se na erupção e esqueceu-se de quem era…

Procurou atabalhoadamente o seu catecismo.

Chamo-me Alice Law, sou pós-graduada em Cambridge, estudo mahgia analítica.

A luz desvaneceu-se. O estrondo cessou.

Pestanejando, Alice virou as mãos diante dos olhos. Sentia-se bem. A sua pele estava coberta por uma fina camada de cinzas, de tal forma que ela parecia tingida de cinzento, mas que se sacudia facilmente. Ela tocou no peito. O coração estava no sítio. Os seus membros estavam intactos. As entranhas ainda estavam perfeitamente empilhadas dentro de si. Se o preço fora pago, ela não o conseguia sentir. Tudo o que ela sentia era uma euforia selvagem e ardente. Tinha funcionado, ela tinha-o feito, funcionava. Giz, terra, horas de pesquisa — e, então, um mundo transformou-se noutro. Ela tinha feito aquilo. Um milagre.

Peter levantou-se, a tossir. Afastou um tufo de cabelo coberto de cinzas dos olhos.

— Então, é isto o Inferno.

Alice olhou em redor, maravilhada. À sua volta havia campos cinzentos, planícies sem fim sob um céu vermelho-escuro. Um Sol — o Sol *deles*? Uma sombra, um gémeo? — pendia baixo e pesado, com uma luz enlouquecedoramente fraca. Ela respirou fundo. Tinha trazido uma máscara de pano para o caso de o ar cheirar mal. Na *Eneida* de Virgílio, os gregos tinham dado ao Inferno o nome de *Aornos*, «o lugar que não tem pássaros», porque nenhum podia voar sobre o seu hálito fétido. Mas o ar não cheirava a nada além de pó e a temperatura era pouco mais do que fresca. Ela esperava mais gritos torturados e enxofre, mas afinal talvez os teólogos americanos estivessem a exagerar. Meteorologicamente, o Inferno não parecia muito pior do que uma primavera inglesa.

Ela pendurou a mochila aos ombros. Uma massa escura ténue erguia-se ao longe e ali, supôs ela, ficava o Campo de Asfódelos.

— Estás bem? — perguntou Peter.

— Nunca estive melhor. — Alice saiu do pentagrama. — Vamos?

Sobre a Mahgia

Mahgia, a mais misteriosa e caprichosa das disciplinas, admirada pelo seu poder, ridicularizada pela sua frivolidade, é, em resumo, o ato de contar mentiras sobre o mundo.

O que os magos de civilizações antigas descobriram por acidente e engenho e o que os magos-filósofos ingleses do século XVIII em diante codificaram no cânone euro-americano recebido, foi que as leis naturais do mundo estavam estabelecidas, mas eram frágeis. Podiam ser reinterpretadas de forma inteligente. Por breves períodos de tempo, podia-se até confundi-las e suspendê-las, desde que se tecesse a teia certa de inverdades. Truques linguísticos, enigmas lógicos, tudo funcionava. Bastava encontrar um conjunto de premissas que, mesmo que por uma fração de segundo apenas, fizessem o mundo parecer diferente do que realmente era. O giz, e qualquer resquício de energia mágica morta-viva que estivesse nas conchas pulverizadas daquelas criaturas marinhas que tinham perecido há milhões de anos, fazia o resto.

Ora, a mahgia tinha progredido muito desde, digamos, os rituais primitivos sugeridos pelas inscrições em giz de Uffington e, desde então, tinha havido uma proliferação de subáreas vistosas que, na verdade, não tinham nada que ver com giz, mas sim com todo o tipo de objetos arcanos, música encantada e ilusões visuais. Podia-se agora estudar a arqueologia da mahgia, a história da mahgia, a música da mahgia e assim por diante. Na América, as ilusões visuais e os espetáculos vistosos estavam na moda. Na Europa, falava-se de coisas chamadas mahgia pós-modernista e pós-estruturalista, que pareciam envolver muitos feitiços que

faziam o oposto do que os seus inventores queriam e feitiços que não faziam nada, o que todos diziam ser muito profundo. Mas toda a melhor mahgia ainda era feita em Cambridge e a boa e tradicional Cambridge estava dedicada à essência da arte. Mahgia analítica. Giz, superfície, paradoxo.

O paradoxo — o elemento crucial. A palavra paradoxo vem de duas raízes gregas: para, *que significa «contra», e* doxa, *que significa «crença». O truque da mahgia é desafiar, perturbar, ou, no mínimo, desalojar a crença. A mahgia consegue-o lançando a confusão e a dúvida. A mahgia provoca a física e fá-la chorar.*

Tomemos, por exemplo, o Paradoxo de Sorites. Imaginemos um monte de areia. Muito simples. Retirar um grão de areia do monte não faz com que este deixe de ser um monte. Nem retirar dois. Podíamos sentar-nos ali com uma pinça durante horas, mas não teríamos diminuído o monte. E se retirássemos mil grãos? Um milhão? Exatamente quantos grãos de areia é preciso retirar para que ele deixe de ser um monte? Se nos sentarmos de pernas cruzadas com uma pinça, tirando a areia um grão de cada vez, qual é o momento exato em que conseguiremos demolir o monte? Ninguém sabe dizer qual é esse momento. Mas se a diferença entre o monte e o monte-menos-um é minúscula, como é que podemos transformar um monte num não-monte?

Vá lá. Sabemos muito bem o que é um monte. Sabemo-lo quando o vemos. É como a pornografia. E sabemos que se retirarmos pilhas gigantes de areia do monte, chegará o momento em que lhe poderemos chamar um não-monte.

Mas naquele momento apenas, quando o paradoxo é apresentado com aquela formulação exata, não o sabemos. Por um instante, pensamos que é verdade — que é impossível, de facto, transformarmos um monte num não-monte. De facto, é provável que esteja tão exausto de ouvir a palavra monte *que o próprio conceito lhe seja estranho.*

Confusão, dúvida. E com isso, por um momento apenas, o mundo pestaneja. O monte não se esgota.

Foi este piscar de olhos que seduziu Alice para a sua área. No seu primeiro ano de faculdade teve uma aula de Introdução à Lógica. Na segunda semana, assistiu a uma demonstração de mahgia. Um doutorado visitante apresentou-se no auditório e desenhou um círculo de giz à volta de um pequeno monte de areia sobre uma mesa.

— Observem — disse ele e pegou num punhado de areia. Fez aquilo mais uma vez e depois outra e outra. Convidou a turma a formar uma fila e, um a um, tentarem esvaziar o monte com as mãos. Eles tentaram, mas não conseguiram. Cada vez

que as suas mãos saíam do círculo, o espaço à volta do monte esbatia-se e a areia não diminuía.

Alice observou a areia a escorrer-lhe pelos dedos e algo deu uma volta no seu peito.

Ela não conseguia respirar. Ora, aqui estava um milagre. Aqui estava Jesus, a transformar cinco pães e dois peixes numa fonte inesgotável. Todas as áreas que ela tinha considerado para a sua licenciatura — matemática, física, medicina, história — todas elas caíram por terra. Pareciam tão irrelevantes, pois porque é que alguém estudaria verdades estáticas quando a verdade tinha acabado de sair pela porta do palco? Ela sentiu-o nessa altura. Sentiu-o de todas as vezes. O espanto de fazer afundar o estômago, o deleite maravilhado de uma criança num circo que acabou de ver um coelho desaparecer. Durante todos os seus anos de estudo, esse sentimento nunca desapareceu. Uma pessoa pensava que o mundo era de uma maneira e depois ele deixava de o ser. Um podia tornar-se zero. Um podia tornar-se dois. Um piscar de olhos e a verdade já não o era. Se o mundo podia ser fluido para uma pessoa uma vez, quantas mais vezes poderia ela fazê--lo dançar de acordo com os seus caprichos?

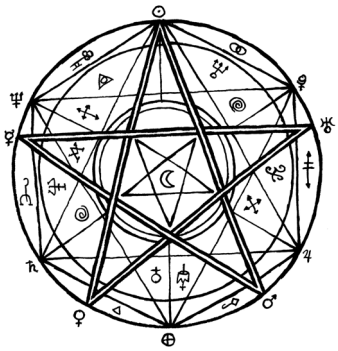
Todos os outros viviam num mundo tão ossificado. Limitavam-se a aceitar as regras que lhes eram dadas. Só lhes interessava articular os seus próprios limites, moviam-se como se fossem de pedra. Mas os mágicos viviam no ar, dançando numa escada provisória de ideias, e era uma fonte de delírio sem fim saber que no instante em que o mundo começasse a aborrecer-nos podíamos estalar os dedos e estaríamos de novo em queda livre.

Tudo o que era preciso era contar uma mentira — e acreditar, apesar de todas as provas em contrário, que todas as regras podiam ser suspensas. Tínhamos uma conclusão na nossa cabeça e acreditávamos, por pura força de vontade, que tudo o resto estava errado. Era preciso vermos o mundo como ele não era.

Assim, à medida que avançava no seu curso, Alice tornou-se muito boa nisto. Todos os mágicos habilidosos o eram. O sucesso neste campo exigia uma forte capacidade obstinada de autoilusão. Alice conseguia virar o seu mundo e cons-truir tábuas de crença do nada. Ela acreditava que quantidades finitas nunca se esgotavam, que o tempo podia voltar-se sobre si mesmo e que qualquer dano podia ser reparado. Acreditava que o mundo académico era uma meritocracia e que o trabalho árduo era a sua própria recompensa. Acreditava que a mesquinhez dos departamentos não lhe podia tocar, desde que mantivesse a cabeça baixa e não se

queixasse. Acreditava que quando os professores se irritavam com os alunos, quando os menosprezavam e abusavam deles, era porque se preocupavam. E acreditava, apesar das crescentes provas em contrário, que estava bem, que estava tudo bem, que não precisava de ajuda, que podia simplesmente cerrar os dentes e continuar.

Acreditava nestas coisas com todas as suas forças, com o mesmo delírio que era necessário para evitar que um monte de areia se esgotasse. Não tinha alternativa. Era uma prática essencial para tudo o que viria depois.



CAPÍTULO DOIS

O Inferno esticava-se. Alice e Peter caminhavam lado a lado sobre uma areia tão fina e sedosa que as suas pegadas quase não deixavam marcas. De facto, a areia parecia apagá-las ativamente à medida que caminhavam. Ela olhou por cima do ombro e viu as suas pegadas deixarem primeiro contornos indiscerníveis e depois, três passos mais adiante e outra olhadela para trás, nada. Parecia que a paisagem do Inferno resistia a alterações. Não importava para onde olhasse, Alice não conseguia detetar nenhum ponto de referência — nem colinas, nem praias, nem nuvens agourentas. Ela tentou não deixar que isso a incomodasse. O Inferno, tinha ela lido, era um plano inconstante e mutável. Os seus pontos de referência eram conceptuais, não fixos. Ela não sabia bem o que isso significava, mas seguindo a convenção académica, interpretou-o do seguinte modo: *o Inferno revela-se pela ordem que escolhe.*

O Inferno, por agora, escolhera dunas ondulantes.

Alice ansiava pela luz do Sol. Os seus olhos já se tinham ajustado à penumbra, embora doessem por os semicerrar. Ela esfregou as têmporas e esperou poder habituar-se a este eterno crepúsculo.

Cerca de vinte minutos mais tarde, passaram por baixo de uma ponte. No início, ouviram mais do que viram, conversas mais acima, vozes que Alice quase reconheceu. Ela olhou para cima e viu no céu uma

imagem espelhada de Cambridge, com o *campus* virado ao contrário e tremulamente translúcido, como se fosse projetado através de uma ligação por cabo com estática. Viu o Jesus Green, a Sidney Street e os pequenos becos sinuosos entre St. John's e Trinity. Viu pós-graduados nas suas bicicletas a desviarem-se dos carros. Viu pequenas massas negras a moverem-se rapidamente em grupos de um edifício para o outro. Estudantes de licenciatura, coisas preciosas, com túnicas pretas novas e ainda amarrotadas a esvoaçarem em redor dos seus calcanhares.

Então, este era o Pavilhão de Observação. Alice tinha lido sobre ele, primeiro na *Cartilha Sobre o Inferno Unitário* de Penhaligon e, depois, corroborado pela maior parte das antigas fontes chinesas. Aqui era a ponte que todas as almas atravessavam antes de passarem definitivamente para o Submundo; o ponto liminar entre os mundos dos vivos e dos mortos, onde cada lado podia apenas vislumbrar o outro.

Um pensamento atravessou a mente de Alice. Ela semicerrou os olhos. Sim, se lançasse os seus pensamentos para fora, podia ampliar aquela Cambridge espelhada e focar-se no Laboratório de Pós-Graduação Sete, onde o pentagrama dela e de Peter permanecia, com a escrita esborratada e eviscerada em partes pelos ventos soprados das fronteiras entre os mundos. Ela viu dois dos seus colegas — Belinda e Michele — parados reverentemente à porta, a olhar em volta e a juntar lentamente as peças do que tinha acabado de acontecer.

Ela não tinha apagado os seus rastos. Não, pelo contrário, tinha deixado um bilhete no seu gabinete a anunciar que ia buscar a alma do Professor Grimes ao Inferno, que ninguém deveria atrever-se a segui-la porque o perigo era muito grande e que, se não voltasse dentro de catorze dias, podiam atribuir o seu gabinete de canto a um dos alunos do primeiro ano. Tinha deixado a porta do laboratório destrancada. Queria que toda a gente soubesse onde tinha ido, nem que fosse para que quando voltasse em triunfo, com o Professor Grimes pela mão, não houvesse dúvidas sobre o seu sucesso.

Belinda e Michele estavam agora ajoelhados do lado de fora do pentagrama, curvados para lerem as inscrições. Alice desejou poder ouvir o que estavam a dizer. Belinda mantinha a mão pressionada contra a boca. Michele respondia com alguns gestos que ou eram muito

agitados ou simplesmente muito italianos — com Michele, Alice nunca tinha conseguido perceber. De repente, Belinda fez uma pausa. Estava mesmo por cima da inscrição que designava o destino deles como o Inferno e esticou o pescoço para ler.

Alice estendeu a mão o mais que pôde. A ponte estava muito perto, um teto baixo que ela podia *mesmo* tocar se esticasse o braço e ficasse em bicos de pés. Será que a conseguiria atravessar? Ela queria tentar.

— *Buh!*

Belinda estremeceu; a sua mão voou para o pescoço. Alice ficou encantada. Interrogou-se sobre os limites das travessuras dos fantasmas — será que, se quisesse, poderia simplesmente assombrar os corredores de Cambridge para sempre?

Os académicos concordavam que a maior parte das assombrações registadas eram facilitadas através do Pavilhão de Observação. Era o único sítio a partir do qual os mortos podiam fazer ouvir as suas vozes, de onde podiam exercer alguma pressão sobre os vivos. Mas era um tipo duplo de assombração. Os fantasmas permaneciam no Pavilhão de Observação porque estavam demasiado encantados com as cenas da sua vida; porque, por sua vez, estavam enlevados e obcecados com os rituais dos vivos. Queriam saber o que todos andavam a fazer. Queriam ver se tinham sido lembrados. Todas as histórias de fantasmas estavam erradas; as assombrações raramente eram maliciosas. Os mortos só queriam sentir-se incluídos.

Belinda tombou nos braços de Michele. Alice riu-se. Belinda era mesmo uma rosa inglesa, era tudo sempre demais para ela. Michele envolveu Belinda com os braços e falou-lhe ao ouvido. Alice adivinhou as palavras dele — *Está tudo bem, eles não morreram; não vão morrer.* Belinda continuava a abanar a cabeça. *Não*, parecia dizer. *Não, eles estão mortos, eles desapareceram*.

— Arrependeste-te? — Peter estava ao lado dela, com o pescoço esticado para cima. No entanto, os seus olhos não estavam postos em Belinda e Michele, mas sim nos bandos de estudantes que se movimentavam alegremente pelo beco. Alheios, entusiasmados com o início do período letivo, ou será que o primeiro dia de aulas já tinha terminado e eles estavam agora a ir para o bar da faculdade para uma cerveja? — Queres voltar para trás?

— Não brinques, Murdoch.

Não havia um caminho simples para se sair do Inferno. Ambos sabiam disso ao entrar. Entrar no Inferno era fácil; sair era difícil. Se ao menos pudessem saltar para o seu pentagrama, dizer os seus feitiços ao contrário e voltar para onde tinham começado. Mas se isso fosse possível, os vivos poderiam visitar os seus mortos a toda a hora. Não, para se ascender do Inferno era preciso a permissão do Senhor Yama — ou seja, Tanatos, Anúbis, Hades, a Escuridão de Muitos Nomes, Governante do Submundo.

Muitas vezes, ele concedia-a. O Senhor Yama não gostava de aturar os vivos no seu reino; eles perturbavam os mortos, perturbavam o equilíbrio. Ele tinha todo o prazer em os mandar de volta para onde tinham vindo. Pelo menos, todas as histórias assim o prometiam. Orfeu tinha voltado, para o bem e para o mal. Dante ascendera sem problemas. Em todas as histórias, os viajantes no Inferno raramente morriam lá. Era no mundo dos vivos que encontravam o seu fim trágico.

Em todo o caso, poderiam resolver o problema de viverem quando chegassem a esse ponto. Para já, o problema era saberem até onde irem.

Uma hora depois, o terreno começou a inclinar-se para cima. Estavam a subir alguma coisa, embora não fosse imediatamente claro o quê. Os pulmões de Alice ficaram apertados, embora ela tentasse não ofegar. Peter seguia ao seu lado, completamente imperturbável, e ela estava demasiado envergonhada para admitir que estava cansada.

Então, tudo se revelou abaixo deles, um vale plano cheio de Sombras e mais Sombras, algumas reunidas em grupos, outras a vaguearem pelos campos sozinhas. Eram almas mortas — coisas cinzentas translúcidas, meros ecos de corpos vivos. Algumas andavam às voltas em círculos, outras percorriam a mesma faixa estreita. Algumas vagueavam, mais à deriva do que a andar. Do alto, era como observar uma colónia de formigas preguiçosas e atordoadas, que se moviam sem propósito. Apenas uma deambulação interminável. O Limbo, segundo um nome. O Campo de Asfódelos, segundo outro.

O campo não era um tribunal do Inferno e sim apenas uma área de detenção. Aqui permaneciam as almas chocadas e desorientadas dos

recém-falecidos. Aqui tinham um espaço e um tempo infinitos para se orientarem antes de decidirem seguir em frente. A monografia de Tálamo descrevia o Campo de Asfódelos como uma zona de espera. Não era muito diferente do átrio de Cambridge Sul, só que não havia um quiosque de café e toda a gente ainda estava a decidir se queria apanhar o comboio.

Alice tinha boas razões para pensar que o Professor Grimes ainda poderia estar ali. De um modo geral, normalmente os mortos não estavam ansiosos por seguir em frente. Precisavam de tempo para processar as suas memórias, os seus arrependimentos, os seus desejos. Alguns permaneciam na esperança de se reunirem com os seus entes queridos antes de buscarem a reencarnação juntos. Outros não acreditavam na reencarnação sequer. Alguns esperaram eternamente nos campos por convicção de que a grande ressurreição estava a chegar e que só precisavam de se afundar num estupor e esperar pelo fim dos tempos. Outros permaneciam por puro terror do que o resto do Inferno lhes poderia reservar, pois uma eternidade de tédio era melhor do que os castigos que mereciam.

Na opinião de Alice, o Professor Grimes tinha muito que expiar. No lugar dele, ela ficaria por ali.

Mas como é que o iam encontrar no meio de tanta gente? O campo estendia-se até onde a vista alcançava e nenhuma daquelas almas era reconhecível aos olhos de Alice. Mesmo depois de descerem para o vale, para o meio da multidão, as Sombras continuavam tão vagas e indistintas como tinham parecido à distância. Alice examinava cada alma pela qual passava, mas via apenas silhuetas desfocadas, a maioria sem rosto ou com expressões uniformemente sombrias quando o tinham. Ela não se conseguia aproximar o suficiente para ver melhor. Os mortos esvoaçavam para longe sempre que eles se aproximavam, como mosquitos a afastarem-se de mãos que abanam.

— Lembra-me o que é que usaste como âncora? — perguntou Peter ao fim de algum tempo.

Um dos problemas mais incómodos de uma viagem ao Inferno era descobrir para onde ir e onde encontrar a alma que se queria resgatar. Muitas almas tinham morrido desde o início dos tempos e o Inferno

era, infelizmente, um lugar muito grande. A solução era uma Âncora de Radiestesia — uma cláusula no pentagrama que usava um símbolo ou objeto físico para fixar uma pessoa no espaço-tempo no submundo. Contudo, ao que parecia, a âncora de Alice só os tinha levado para um espaço indistinto.

— Usei um artigo da secretária dele. — Alice olhou em volta, desamparada. — A placa que lhe deram em Paris no ano passado. Ele deita fora a maior parte dos seus prémios, mas manteve aquele com a face para fora, por isso achei que significava alguma coisa para ele.

— Eu conheço essa placa. É feita apenas de madeira, certo? Sem letras douradas?

— Sim, é apenas esculpida.

Peter acenou com a cabeça, ponderou um momento e depois perguntou:

— Posso fazer uma sugestão?

— Sim, claro.

— Eu só não quero ser demasiado crítico. — Ele disse aquilo com tanta cortesia que Alice teve vontade de lhe dar uma palmada.

Ele não costumava poupar as palavras com ela. Costumava gritar: *Sua vaca estúpida, Alice, falhaste uma linha, estragaste tudo*. E ela dava-lhe o troco no mesmo tom e dizia que era a linha *dele* que ele tinha falhado e depois discutiam furiosamente, riam e resolviam o problema. Antigamente, podiam discutir e essa discussão era divertida. Costumava ser possível falarem francamente um com o outro. Mas isso fora há muito tempo.

— Estamos perdidos no Inferno — disse ela. — Sugere o que quiseres.

— Bem, os *Apócrifos* de Macedónio dizem que a maior parte dos objetos do mundo dos vivos perde a sua força direcional no Inferno — disse Peter. — Desculpa, eu tirei-o antes de teres uma hipótese; não podias saber. Mas a ideia é que as ligações emocionais que investimos em objetos que existem há muito tempo são, de facto, bastante superficiais em comparação com as suas histórias. Especialmente algo como uma placa, que é apenas madeira cortada. Foi alterada pelo polimento, é certo, mas continua a ser inerentemente apenas essa madeira. Os nossos encontros particulares com essa madeira são fugazes no longo período da sua existência.

Tudo aquilo pareceu muito óbvio a Alice quando Peter o explicou.

— Eu devia ter pensado nisso.

— Portanto, a tua placa pode ter-nos colocado na proximidade de todos os carpinteiros que já viveram.

— Estou a ver.

— Ou entusiastas de caminhadas.

— Faz sentido.

— Ou até mesmo entusiastas de árvores.

— Onde queres chegar, Murdoch?

— Na verdade, é um dilema muito interessante — disse Peter. — A forma como o Inferno está orientado espacialmente. Suponhamos que Macedónio tem razão e que a paisagem do Inferno se reenquadra para formar um espelho do mundo vivo. Que acontece quando esses mundos se sobrepõem? Quando almas de diferentes tempos e espaços interagem? Que Inferno é que elas experimentam? Pergunto-me…

Alice interrompeu-o. Aquilo era um clássico de Murdoch; se o deixassem continuar, ele divagava até se esquecer do que o tinha levado a começar. Peter estava sempre mais interessado no problema do que na resposta. Isso fazia dele um grande académico, mas era muito cansativo trabalhar com ele.

— O Macedónio oferece alguma solução?

— Hã? Ah, sim! Ele diz que devemos fazer com que os mortos venham até nós. — Peter tirou a mochila e ajoelhou-se no chão. — Ele sugere um sacrifício.

Ele tirou três objetos da mochila: um maço de cigarros, uma fatia de Pão Lembas e uma pequena garrafa de vinho do Porto.

— Uma refeição — explicou. — Algo bastante enraizado no tempo. É preciso acertarmos na década exata. Os objetos têm uma longa história, mas os alimentos, os ingredientes específicos que os compõem nas proporções exatas e os caminhos que têm de percorrer para lá chegarem, são extremamente específicos em termos temporais.

Ele juntou os cigarros numa pequena pilha, esmigalhou o Pão Lembas por cima e salpicou tudo com vinho do Porto. Depois, acendeu um fósforo e pegou fogo a tudo.

Alice achou o odor de tudo aquilo perturbadoramente agradável, tabaco incluído. Fê-la lembrar-se da sala do departamento — as embalagens de Pão Lembas, as canecas usadas, os sofás manchados de vinho do Porto, os filtros de café húmidos em cima do caixote do lixo. Cheirava a casa.

Espessas gavinhas negras desenrolaram-se sobre a pilha e dissiparam-se no cinzento. O campo ficou desfocado e depois começou a esbater-se à volta deles. Grupos inteiros de Sombras desapareceram, um a um, até ficarem sozinhos no campo.

Um único borrão apareceu no horizonte, tornando-se cada vez maior à medida que se aproximava.

Peter disse:

— Aquilo não pode estar certo.

Não era o Professor Grimes. Era o gato do departamento.

Quase todos os departamentos de Cambridge tinham um gato ou, por outras palavras, os departamentos pertenciam aos gatos. Porque os gatos não usavam coleiras, não dormiam em casa de nenhum professor, nem pareciam leais ou mesmo particularmente amigos de nenhum aluno ou membro do corpo docente. Tudo o que se sabia era que, um dia, aparecia um gato a miar de fome e, como ninguém resistia a dar-lhe comida e água, o gato ficava por ali, sendo cada vez mais mimado, até a história acabar por ser reescrita e o gato passar, de facto, a ter sempre feito parte da instituição.

O gato do departamento de Mahgia Analítica era um bichano cinzento-escuro, de olhos verdes, esguio e com uma magnífica cauda espessa, chamado *Arquimedes* e, tanto quanto Alice sabia, estava inquestionavelmente vivo. Ela tinha-o visto nessa mesma manhã, a tentar apanhar idiotamente as borboletas no jardim da frente.

Ela ajoelhou-se. *Arquimedes* não gostava muito de ser acariciado, mas preferia que se estabelecesse contacto visual quando se falava com ele. Tinha algo que ver com respeito.

— Que estás a fazer aqui?

Arquimedes pestanejou, com a cauda a agitar-se para trás e para a frente em redor das patas. Deu uma volta em redor do fogo e cheirou-o. Se estava incomodado por estar no Inferno, não o demonstrou.

— Os gatos *podem* atravessar fronteiras — disse Alice num tom abafado. — Eu li sobre isso! Eles conhecem os tribunais, conseguem ver os mortos.

— Podes ajudar-nos, então? — Peter aproximou-se do gato. — Podes levar-nos ao Grimes?

Por um momento, *Arquimedes* pareceu considerar o assunto. Os seus olhos permaneceram no fogo por algum tempo, tanto que Alice sentiu uma onda de esperança — ele parecia tão sábio e o seu olhar era tão significativo. *Eu atravessei oceanos de tempo*, diziam aqueles olhos. *Vi o mundo oculto*. Depois, ele miou de uma forma muito desdenhosa e voltou a correr sobre as dunas.

Alice levantou-se.

— Inútil.

— Olha — disse Peter.

Onde *Arquimedes* tinha desaparecido, apareciam agora quatro figuras no horizonte. Formas esguias e hesitantes. Nenhuma com a graça alta e imponente do Professor Grimes. Elas aproximaram-se e a luz suave dos seus rostos tornou-se clara sob o Sol baixo e ardente. Coisas inocentes. Crianças ainda. Com manchas pretas espalhadas pela sua pele como nódoas de tinta.

— Peter. — Alice teve uma sensação de vertigem. — Aquilo não é …

— Oh, céus — disse Peter. — Eu achava que eles já teriam passado adiante.

— Aparentemente não — disse Alice e preparou-se para encontrar as primeiras vítimas do Professor Grimes.

Há trinta anos, em Cambridge, um feitiço correu mal e quatro estudantes morreram. O estudante de doutoramento de serviço foi destituído dos seus diplomas e banido de volta para Bristol em desgraça. Todos os envolvidos eram alunos do então jovem Professor Jacob Grimes.

Oficialmente, a universidade atribuiu as mortes a um incêndio no edifício — o que não era tecnicamente falso, porque a explosão resultante tinha queimado toda a ala esquerda — e enviou as cinzas dos estudantes para os seus pais, juntamente com uma carta assegurando-lhes que Cambridge não era de modo algum responsável e que um

litígio seria uma péssima ideia. Convenientemente, uma investigação revelou uma construção defeituosa nos canos de gás, o que permitiu à universidade colocar a culpa nos códigos de construção e na prevaricação do empreiteiro, em vez de no tipo de experiências mágicas que podiam incendiar metade de um edifício. Tudo isto significou que o departamento nunca foi responsabilizado pelo que aconteceu. Foi um acidente estranho, nada mais.

Mas nunca ninguém perguntou porque é que o Professor Grimes deixara que um incêndio arrasasse o laboratório. Nunca ninguém pensou que, enquanto supervisor responsável tanto pelo desenvolvimento intelectual como pela segurança dos seus alunos, o Professor Grimes devia ter estado a prestar atenção ao progresso da experiência em vez de estar escondido no seu gabinete do terceiro andar, com um formidável sinal de «PROIBIDO ENTRAR» pendurado na porta. (Ele tinha tanto orgulho naquele sinal; um colega de curso tinha-lho oferecido como uma piada e ele tinha-o aceitado sem ironia.) Nunca ninguém sugeriu que talvez, além de fazer a sua investigação, o Professor Grimes devesse estar a cumprir os seus deveres como professor. Afinal de contas, ele não era o único professor negligente — todos os professores do departamento escapavam aos seus deveres de ensino sempre que podiam. Porquê perder tempo a tomar conta dos alunos quando se podia trabalhar literalmente em qualquer outra coisa?

Portanto, nada daquilo teve efeito algum na carreira do Professor Grimes. Ninguém podia provar que a culpa fora dele. Não se podia traçar uma linha entre as suas ações e o incêndio. Ele nem sequer tinha estado presente. E, de qualquer modo, os acidentes eram muito comuns em mahgia. Apenas duas semanas mais tarde, uma harpa encantada recuperada da Assíria pôs metade do departamento de Harvard num sono paralisado, o que ofuscou bastante o incêndio de Cambridge no circuito de mexericos das conferências. (Nenhum contrafeitiço foi eficaz e a cura acabou por envolver enormes quantidades de anfetaminas, que um número surpreendente de estudantes de pós-graduação tinha à mão.) Era consensual que a mahgia exigia correr riscos — especialmente a mahgia visionária e definidora de campos pela qual o Professor

Grimes era conhecido. De qualquer forma, a culpa era dos alunos de licenciatura e estes já estavam mortos. Isso era castigo suficiente.

À medida que as sombras se aproximavam, Alice observou, com horror, que a sua aparência parecia ter ficado fixa nos seus corpos no momento da morte. Uma delas parecia quase intacta — tinha apenas alguns arranhões no rosto e nos braços. Uma aluna morrera por inalação de fumo, dizia o relatório. As chamas nunca lhe tocaram. Ela rastejara para um canto e escondera-se debaixo de uma lona à prova de fogo e, segundo os bombeiros, foi por isso que ninguém a encontrou até quase uma hora depois de o incêndio ter sido apagado. Era possível que ela tivesse continuado viva durante bastante tempo — ninguém sabia ao certo e ninguém insistiu no assunto. Os seus pais fizeram um funeral de caixão aberto em Ely e convidaram todo o departamento. Isso foi antes do tempo de Alice, mas ela tinha quase a certeza de que o Professor Grimes não teria ido.

Os outros estavam queimados de modo irreconhecível. Alice ficou com o estômago revirado só de olhar para eles. Uma coisa era ler teorias sobre os mortos; testemunhá-las era outra bem diferente. Membros carbonizados, rostos petrificados; maxilares despojados de carne, dentes esticados, como um ricto, em sorrisos relutantes. Só os olhos não tinham marcas — fixos, suplicantes, queixosos, curiosos. Passariam toda a eternidade assim? Ou só tinham escolhido apresentar-se assim por agora? A literatura sobre as Sombras e a corporeidade era escassa e indecisa. Alguns académicos pensavam que as Sombras ficavam preservadas involuntariamente tal como estavam no momento da sua morte. Outros argumentavam que as Sombras tinham o poder de se manifestar como quisessem. De qualquer forma, Alice achou que seria de má-educação perguntar.

— Olá — disse ela cautelosamente. — Somos de Cambridge.

As Sombras aproximaram-se. Pareciam bastante entusiasmadas. Alice não conseguia ler os rostos dos três queimados — eles não conseguiam parar de sorrir —, mas a expressão da rapariga mais intacta era sincera, encantada.

— Estamos à procura de uma alma que passou recentemente — disse Peter. — O Professor Jacob Grimes.

A rapariga mais intacta soltou uma exclamação e o som espalhou-se pelas Sombras como o vento sobre as rochas.

— *O Professor Grimes?*

— O Professor Grimes está aqui?

— O Grimes!

Então, eles podiam falar. Cada uma das suas vozes era um eco das vozes dos outros; uma afirmação repetida quatro vezes em registos ligeiramente diferentes. Alice não sabia dizer se as Sombras não conseguiam falar de outra forma, ou se, depois de décadas em grupo enquanto enfrentavam o infinito, as suas personalidades se tinham misturado e fundido de tal forma que já não se consideravam distintas umas das outras. Caíram numa tagarelice excitada, comunicando-se entre si por meio de estalos e assobios ininteligíveis. Tudo o que Alice conseguia distinguir era: «Grimes», «Não pode ser» e «Mãe de Deus!»

— Têm alguma ideia de onde ele possa estar? — interrompeu Peter.

— Ainda deve ser uma Sombra — disse uma rapariga com tranças.

— Sim, uma Sombra, a menos que…

— A menos que!

— Mas nós não saberíamos.

— Não fala connosco.

— Demasiado importante — resmungou um rapaz de óculos. — Teria simplesmente passado por aqui.

— Passado.

— Sem falar.

— Ele passou mesmo — disse a rapariga mais intacta. — Tão depressa que pensei que fosse um sonho. Mas agora que o dizes, eu vi-o. Vi-o. E acenei. Ele disse olá.

Os outros três flutuaram para cima e para baixo em agitação.

— Viste-o?

— Ele disse *olá*?

— Porque é que não nos disseste?

— Oh, meu Deus! — A Sombra mais intacta cintilou por um instante; muito brevemente, a sua figura assumiu uma forma mais sólida

e distinta e Alice vislumbrou um lampejo de vermelho no seu cabelo. — Vocês têm ideia de como é irritante passar a eternidade com vocês? Era uma memória só minha, algo que *aconteceu* e que eu não queria partilhar.

As outras Sombras pareceram melindradas. Alice conseguia ver a forma da irritação deles, miasmas cinzentos espinhosos a flutuar em redor dos seus ombros.

— Podias ter-nos dito.

— Podias.

— Não vale a pena guardar segredos.

— Há uma eternidade para segredos.

— Espera aí — disse Alice com desespero, antes que eles se perdessem na sua tagarelice. — Quando é que isso aconteceu?

— Não sei — disse o rapaz de óculos. — Aqui não há tempo.

Aquilo era comprovadamente falso do ponto de vista metafísico, mas Alice preferiu ignorá-lo.

— O que é que ele te disse?

— Queria direções — fungou a rapariga mais intacta. — Não suportava o campo. Mal podia esperar para sair daqui.

— E para onde iríamos? — perguntou Peter. — Se também quiséssemos sair daqui?

Os estudantes apontaram. Alice e Peter viraram-se e, ali estava, uma linha branca ao longe — um muro ou um edifício, ela não sabia dizer ao certo, mas pelo menos era uma estrutura que prometia o fim da monotonia do lodo. Alice não achava que aquilo tivesse estado ali antes. Ela semicerrou os olhos e viu aquilo que, à distância, fazia lembrar formigas a fervilharem em redor do seu formigueiro. Sombras, milhares delas, a fazerem fila para qualquer que fosse a libertação que estava por trás do branco.

Os estudantes suspiraram, esvaziando-se, todos de uma vez.

— As filas…

— Tão compridas!

— Nunca chegam ao fim…

— Pior que bilhetes para concertos…

— Eu só consegui ver um — declarou o rapaz de óculos. — Consegui ver as Chordettes. Fiquei na fila durante quatro horas para ver as Chordettes.

Isto deu origem a outra confusão entusiasmada.

— Tu viste *as Chordettes*?

— Concentrem-se — disse Peter. — Por favor. Aquela é a única maneira de se entrar na próximo tribunal?

— Oh, sim.

— Toda a gente tem de ficar na fila.

— Até o Professor Grimes.

— À espera da sua vez.

— Sem exceções.

A rapariga mais intacta inclinou a cabeça.

— Vão salvá-lo?

Perante esta pergunta, todos os estudantes avançaram e juntaram-se avidamente à volta de Alice e Peter.

— Vão tirá-lo daqui?

— Isto é para a vossa *investigação*?

— É para um *artigo*?

Alice sentiu uma pontada de simpatia. Sempre gostara dos estudantes de licenciatura, por muito que gostasse de se queixar deles. Na verdade, era um prazer ensinar os alunos de Cambridge. Jovens ingénuos e entusiastas. Com poucas exceções, nunca eram preguiçosos, nem insolentes. Muito pelo contrário. Eram geralmente alegres, mentes não formadas que ainda pediam autorização para usarem a casa de banho durante a aula, que se esqueciam regularmente da ordem das operações quando passavam da matemática para a lógica, que gaguejavam de nervosismo durante as horas de expediente e iniciavam os seus trabalhos com declarações tolas como «O DICIONÁRIO DE INGLÊS DE OXFORD DEFINE VALIDADE COMO…» e «DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS, A HUMANIDADE TEM SIDO ATORMENTADA PELO PROBLEMA DA RACIONALIDADE». Ela costumava vê-los a entrar juntos no Pick[2] depois das aulas, com as faces rosadas do frio, a conversar alegremente diante de uma cerveja barata e batatas fri-

[2] The Pickerel Inn, um dos mais antigos *pubs* de Cambridge. [*N. da T.*]

tas moles. Gostava de os ver a conversar animadamente sobre as suas aulas, agitando as mãos no ar, forçando um pouco as vogais e usando o jargão de modo desajeitado. Faziam-na pensar, com inveja, se a ignorância seria realmente o segredo da felicidade.

— Vamos entrar juntos, então? — perguntou Peter com gentileza. — Não está na altura de vocês seguirem em frente, de qualquer forma?

Esta era, aparentemente, a pergunta errada a fazer. Os estudantes encolheram-se numa massa apertada e glutinosa de angústia psíquica. O ar ficou subitamente mais frio. Os braços de Alice ficaram arrepiados. Ela fez uma anotação mental sobre isso. *As Sombras podem afetar a atmosfera, se estiverem perturbadas.*

— Assustada — disse por fim a rapariga mais intacta.

Os outros acenaram com a cabeça.

— De quê? — perguntou Peter. — Vocês são todos tão… Quero dizer, tenho a certeza de que não têm muito por que se redimirem.

Eles sacudiram violentamente a cabeça.

— Não é isso.

— Não, não…

— Temos medo de *passar*.

— Medo de não sermos…

— Medo do Letes…

— Medo de esquecermos…

— De nos tornarmos…

— Medo de sermos outros.

— É apenas a reencarnação — disse Peter. — Vocês não se vão lembrar de nada.

— Exatamente. Nós éramos mágicos — disse o rapaz de óculos. — Se formos…

— Não seremos mágicos.

— Vocês estão a brincar — disse Peter, com a sua clássica falta de tato.

Alice achou que ele estava a ser um pouco parvo. É claro que estas Sombras estavam assustadas. As almas permaneciam muitas vezes em Asfódelos durante anos — décadas — antes de tentarem a reencarnação. A perda de identidade era uma perspetiva aterradora. Quem éramos nós sem as nossas memórias, o nosso passado, as nossas relações,

a nossa posição? E se a nossa sorte na próxima vida fosse muito pior do que a vida que tínhamos acabado de viver? Não importava que, em teoria, as almas gozassem de vidas infinitas e oportunidades infinitas para experimentarem coisas boas e más. Da perspetiva subjetiva da alma, a reencarnação não era diferente da morte.

Além disso, a reencarnação era sempre uma lotaria. Alice compreendia que eles não quisessem tentar a sorte.

— Vocês mal viveram — disse Peter. — Há muito mais na vida, não gostariam de tentar de novo?

Os estudantes tremeram.

— Mas a mahgia…

— Mas Cambridge…

— O trono do mundo intelectual — disse a rapariga mais intacta. — Um privilégio inacreditável.

— É a única escolha racional — declarou o rapaz de óculos. Falou com tanta autoridade que os outros estudantes pareceram encolher-se momentaneamente atrás dele, como se lhe dessem autorização para falar em nome do grupo. A sua voz tornou-se mais profunda. Ele gesticulou enquanto falava, imitando um professor. — Vejam, dada a população da Terra, é muito provável que reencarnemos em vidas abaixo do nível de pobreza. A maior parte da população mundial nunca vai à escola, muito menos chega a Cambridge. Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida, como nos diz Sócrates. Por conseguinte, procurar a reencarnação é apostar com probabilidades extremamente más numa vida que não vale a pena ser vivida. Por exemplo, uma vez reencarnados, podemos acabar a fazer algo como, não sei, trabalhar em arrozais na China.

— Ordenhar vacas no Arkansas — concordou a rapariga mais intacta.

— Escavar diamantes em África.

— Esperem aí — disse Alice. — Isso é um bocado preconceituoso…

— Ser um idiota.

— Ser um idiota! — As quatro Sombras estremeceram como uma massa de gelatina a tremer. — Oh, o horror! Oh, não ser inteligente!

Um deles lamentou então:

— E se nunca aprendermos a *ler*!

— Mas vocês estão mortos. — Isto tinha ido longe demais, Alice tinha de intervir. Os estudantes de licenciatura faziam isto muitas vezes; enervavam-se uns aos outros por causa de ideias erradas, comparavam conjuntos de problemas e confundiam-se de tal maneira que desembaraçar os seus pensamentos dava o dobro do trabalho. Os estudantes eram cinco cegos e um elefante[3]; eram três ratos cegos a guiarem-se uns aos outros num círculo. — Vocês estão no Inferno. Parece-me o pior estado em que se pode estar.

— Somos *mágicos* mortos — disse o rapaz de óculos. — É diferente.

— Não é nada diferente — disse Peter. — Vocês ainda estão presos aqui.

— Mas porque é que vocês estão aqui? — perguntou a rapariga mais intacta. — Porque é que vieram?

Eles agarraram esta linha de interrogatório com alegria.

— Porquê?

— Porquê, de facto?

— Metade de uma vida inteira…

— O preço…

— O preço!

— Isso é diferente — disse Alice. — Nós ainda podemos ser mágicos. *Isso* vale a pena.

— Oh — disse a rapariga mais intacta. E depois empregou a mais irritante das táticas argumentativas, que era concordar, enquanto deixava claro que eles consideravam o raciocínio dela estúpido. — Então, *está bem*.

Os outros estudantes não disseram nada. Que réplica precisavam de fazer? Apenas a observaram, com expressões idênticas de reprovação silenciosa, até as suas formas começarem a desvanecer-se, até as suas queimaduras se tornarem cintilações, até desaparecerem no ar.

— Uau — disse Peter. — Acho que nos mandaram à merda.

— Oh, deixa-os — resmungou Alice. Sentiu um espasmo de irritação, um mal-estar à espreita, e não queria pensar mais naqueles estudantes. O Inferno estava cheio de pequenas tragédias. Não valia a pena preocupar-se com esta. — Eles têm a eternidade para perceber.

[3] Menção à parábola «Os cegos e o Elefante», originária do subcontinente indiano. Cinco homens cegos tocam num elefante e cada um forma uma conclusão sobre o que aquilo é com base na sua limitada experiência. Cada homem está convencido de que a sua ideia é a verdadeira e todos discutem. [*N. da T.*]